



PLATÃO

Característica crucial da obra de Platão é a abertura dialética: sem o movimento do diálogo, sem a abertura para o outro que, corajosamente, apresenta o seu lógos ao escrutínio dialético, não há filosofia. Tampouco há posições definitivas e acabadas que não possam, em algum momento, serem retomadas e repensadas.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcus Vinicius David – Reitor
Girlene Alves da Silva – Vice-reitora

Instituto de Ciências Humanas
Fernando Perlatto – Diretor
Wagner Batelha – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Nathalie Barbosa de La Cadena – Chefe de Departamento
Pedro Calixto Ferreira – Coordenador do Curso
Eduardo Gross – Coordenador do PPG em Filosofia
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Luciana Gaspar Melquiades – Diretora
Marcella Alves Mascarenhas Nardelli – Vice-diretora
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

É:
**Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Camila Fonseca de Oliveira Calderano – Secretário

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)	Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Boghos Levon Zekiyani (Università Ca' Foscari, Venezia)	Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)	Luís Henrique Dreher (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)	Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Débora Mariz (UFMG)	Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)	Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)	Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Fábio Fortes (UFJF)	Pedro Merluzzi (UNICAMP)
Germán Martínez (Fordham University, NY)	Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Gustavo Arja Castañón (UFJF)	Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)	Wolfram Hogrebe (Universidade de Bonn)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)	

Sumário

Editorial	1
<i>Fábio Fortes e Gislene Vale dos Santos</i>	
Artigos	
Pedagogia socrática entre o <i>Primeiro Alcibiades</i> e o <i>Banquete</i> <i>José André Ribeiro</i>	10
Desejo, poder e medo em <i>Alcibiades</i> <i>Jovelina Maria Ramos de Souza</i>	29
A retórica platônica no diálogo <i>Górgias</i> <i>George Gomes Ferreira</i>	55
A hipótese gorgiana: por uma leitura da obra platônica <i>Vicente Thiago Freire Brazil</i>	87
Reflexões metadialéticas sobre o <i>élenkhos</i> na <i>Apologia de Sócrates</i> e no <i>Górgias</i> , de Platão <i>Frederico Krepe da Silva</i>	110
O mito da cidade justa: considerações sobre um uso filosófico da mimese em Platão <i>Mateus Lima dos Santos</i>	140
As <i>tékhnai</i> na <i>República</i> <i>Jean Farias</i>	160
<i>Paideia</i> e <i>physis</i> : os conceitos de “natureza” e “educação” nas obras platônicas <i>André Rodrigues Bertacchi</i>	195
Uma leitura do desejo do corpo e da alma no <i>Filebo</i> e no <i>Banquete</i> de Platão <i>Juliano Paccos Caram e Leandro Lunkes</i>	211
Da utilidade do riso e da comédia nas <i>Leis</i> , de Platão <i>Felipe Ramos Gall</i>	224
Resenha	
PLATÃO, <i>Minos</i> , ou sobre as leis. Edição bilingue. Tradução de Bruno Amaro Lacerda. 1ª ed. São Paulo: Max Limonad, 2021. <i>Christiano Almeida</i>	237

EDITORIAL

PLATÃO: ENTRE A TRADIÇÃO E A ABERTURA DIALÉTICA

Fábio Fortes¹

Gislene Vale dos Santos²

“O primeiro paradoxo do *corpus* platônico é que ele existe”. Assim se refere Monique Dixsaut, a respeito da obra de Platão (*Platon, le désir de comprendre*. Vrin: 2012, p. 17). Com efeito, a própria sobrevivência dos escritos desse filósofo, resultado de longa tradição manuscrita, entre tantos autores antigos cujas obras chegaram apenas fragmentariamente, é causa de espanto. Não somente a sua vasta obra foi preservada, como também ela se tornou um dos pilares de toda a tradição filosófica posterior. Mantendo com essa tradição um frutífero diálogo, seja indicando convergências, seja refletindo dissonâncias, o pensamento de Platão, de uma forma ou de

¹ Professor Associado do Departamento de Letras Clássicas e Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora

² Professora Adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

outra, segue como uma referência incontornável. Esse seria talvez o segundo paradoxo de sua obra.

É comum afirmar-se, aliás, que, na sua rica e extensa fortuna crítica, é possível reconhecerem-se tantos “Platões” quantos leitores dos diálogos; no entanto, deve-se também ter em mente que, para todos eles, é condição indispensável não somente a fina erudição que exige a leitura de um texto antigo, mas também a cuidadosa revisita ao imenso repertório inscrito na tradição de seus estudos e comentários, bem como a atenção redobrada aos sentidos que emanam desse próprio texto, das relações entre os personagens postos em cena, das alusões aos elementos culturais do mundo que representam e do constante diálogo com a poética, retórica e teatro.

Nesse sentido, para além das linhas argumentativas que poderiam supor a existência de um pensamento transversal, sistemático ou excessivamente acabado que, em tese, emanaria de uma interpretação aceitável dos textos de Platão; no caso desse pensador, essa mera suposição é, frequentemente, nuançada ou desafiada quando se propõe a olhar os seus diálogos pelos numerosos prismas que eles próprios possibilitam. Nesse sentido, um estudo da obra de Platão exige uma particular atenção aos recursos literários, dramáticos, cenográficos que são criados, tais como os personagens que encarnam posições, corporificam *dóxai*, tensionam o debate, desafiam o leitor. A consequência disso é que não se pode limitar a leitura desse filósofo à exegese de uma passagem específica fora de seu contexto: é imperioso considerar a complexidade do gênero diálogo, que desafia o leitor a ler através de suas ambiguidades, paradoxos, ironias, polissemias

ou mesmo afirmações categóricas de certos personagens (Scolnicov, 2006, p. 184).

Isso nos impede, na prática, de fazer uma análise intrínseca de determinadas passagens isoladas de seu contexto dialógico e nos exige uma leitura de caráter “global”, por concebermos que o pensamento de Platão não está aprisionado em determinadas proposições proferidas pelos personagens, mas emerge como um efeito de interpretação das diferentes vozes do diálogo, nos diferentes enquadramentos dramáticos e nos diferentes níveis de significação. A consequência disso é admitirmos o posicionamento de Höhle (2008, p. 17), que sublinhava as limitações de algumas leituras excessivamente analíticas: “resta para todo hermeneuta sério a obrigação de, em primeiro lugar, interpretar todo o diálogo específico e com maior razão toda passagem específica de qualquer diálogo no contexto de toda a obra. Muitas das interpretações de Platão inspiradas analiticamente já estão de antemão condenadas ao fracasso pelo fato de formalizarem passagens isoladas sem levar em consideração o seu contexto”.

Assim, Platão assoma como um efeito desse *lógos*, trata-se de um personagem “materialmente ausente do diálogo, mas bem presente do ponto de vista filosófico, como um invisível manipulador que move suas marionetes na cena” (Trabattoni, 2010, p. 19). Referências culturais, históricas e, principalmente, a polifonia inerente à escrita platônica não deixam de ser signos importantes para uma compreensão atualizada do pensamento desse autor – ainda que essa interpretação não seja definitiva ou suponha uma sistematização excessiva, que, portanto, pudesse paralisar o movimento inerente ao seu próprio discurso. Como afirma

Trabattoni (2003, p. 103): “a obra de Platão não tem, em nenhum ponto, a característica de um tratado científico impessoal, razão pela qual o intérprete nunca se defronta com asserções válidas em abstrato e em si, mas somente, e sempre, com momentos de um discurso que podem ser esclarecidos unicamente à luz do conjunto. No que concerne, além disso, a esse conjunto, o diálogo platônico poderia ser descrito como um organismo argumentativo escrito em vista de um certo objetivo, enquanto o conjunto inteiro dos diálogos e objetivos desenha o quadro geral da filosofia de Platão (...).” Platão, portanto, se oferece aos leitores, muitas vezes, como um enigma.

No entanto, também outra característica crucial de sua obra é a abertura dialética: não há exame suficientemente adequado que se encerre somente na análise do discurso daquele que o enuncia. Isso significa que, sem o movimento do diálogo, ou à abertura para o outro que quer refutar ou ser refutado, ou que, corajosamente, apresenta o seu *lógos* ao escrutínio dialético, não há filosofia. Tampouco há posições definitivas e acabadas que não possam, em algum momento, serem retomadas e repensadas. Coerentemente com isso, é possível pensar que também os próprios textos de Platão estão sujeitos a esse movimento dialético, estão à espera de serem retomados, repensados, rediscutidos, questionados, o que torna a obra de Platão inapelavelmente atual, radicalmente aberta ao pensamento e acolhedora de novos debates e reflexões. Em um de seus diálogos, o *Fedro*, Platão chega a comparar esse movimento filosófico a uma inusitada, embora nem sempre fácil, viagem da alma conduzida por aurigas conduzindo uma carruagem alada: de um lado, um cavalo dócil, que atende aos

anseios do condutor que aspira ao conhecimento mais elevado, de outro, um cavalo rebelde que teima em reconduzir a biga a províncias mais básicas da compreensão humana. A forte imagem de Platão, que requer ser interpretada e não lida em sua literalidade é um signo desse caráter dialético de sua filosofia, que impõe, em cada passo, uma tensão entre lados, polaridades, posições contraditórias, sempre em vista de uma busca contínua. A própria busca perfaz um caminho, um *hodós*, este é a filosofia.

Considerando essas observações quanto à interpretação de Platão, e tendo em mente também a centralidade desse filósofo para toda a tradição filosófica ocidental, é que neste número da *Revista Ética e Filosofia Política* da Universidade Federal de Juiz de Fora, resolvemos novamente propor, embora pela primeira vez neste periódico, uma nova roda de discussão em torno da obra platônica. A esse convite, tivemos várias respostas de colegas estudiosos e especialistas que nos levaram a pensar e a repensar nossa maneira de ler e compreender a obra desse filósofo. A esses colegas expressamos, desde já, o nosso mais vivo agradecimento.

O primeiro texto que compõe essa coleção é de autoria de José André Ribeiro, e se intitula a “Pedagogia socrática entre o *Primeiro Alcibíades* e o *Banquete*”. O artigo nos brinda com uma leitura de como o personagem Alcibíades é construído por Platão em dois contextos dialógicos, mostrando como a distância entre a representação que se faz desse personagem nesses diálogos dá conta de uma espécie de consideração histórica do que teria sido o percurso do próprio Alcibíades (de resto já conhecido por Platão) e a potência da pedagogia socrática como elemento crucial para que o jovem Alcibíades

alcançasse um outro “modo de vida”. Na sequência, também se debruçando sobre esse personagem no *Banquete*, Jovelina Maria Ramos de Souza nos propõe em seu artigo: “Desejo, poder e medo em Alcibíades”, repensar o modo como o amor individual e seus efeitos sobre a *psykhé* são tratados a partir da relação entre Alcibíades e Sócrates. A autora articula, de forma coerente e inteligente, fontes literárias, historiográficas e platônicas, para mostrar como essa *persona* emerge no diálogo platônico como um contraponto à figura magistral de Sócrates, exemplificando dois modelos distintos de filosofia e de amor.

Na sequência, somos convidados a revisitar o *Górgias* a partir de três diferentes perspectivas de análise. No artigo: “A retórica platônica no diálogo *Górgias*”, George Gomes Ferreira, analisa os diferentes recursos retóricos de que Platão lança mão na empreitada de descaracterizar e descredibilizar a própria retórica. O foco é revisitar a antiga querela entre dialética e retórica a partir dos enquadramentos dramáticos postos no próprio texto platônico, ressoando outras contribuições literárias de fontes coetâneas ao pensador. No artigo: “A hipótese gorgiana: por uma leitura da obra platônica”, de Vicente Thiago Freire Brazil, o estudioso vai se debruçar sobre elementos do próprio pensamento de Górgias expressos – velada ou explicitamente – no *corpus Platonicum*. Em seu texto, Brazil faz uma análise de passagens em que a sofística – tal como entendida por Platão – deve ser compreendida *vis-à-vis* a elementos que se podem identificar a partir da obra remanescente do próprio Górgias de Leontinos. Já o artigo: “Reflexões metadialéticas sobre o *élenkhos* na *Apologia de Sócrates* e no *Górgias*, de Platão”, Frederico Krepe

da Silva analisa os elementos que constituem e definem a prática da refutação socrática, com referência aos contextos dramáticos da *Apologia* e do *Górgias*. Por se tratar de recurso metodológico central para a constituição do método dialético, neste artigo observamos como Platão, por meio de seus personagens, oferece comentários “metadialéticos”, que comentam e teorizam sobre a própria prática.

Na sequência, temos três contribuições que, de certo modo, evocam problemas que se nucleiam a partir da *República*. Em: “O mito da cidade justa: considerações sobre um uso filosófico da mimese em Platão”, Mateus Lima dos Santos propõe repensar a velha interpretação – um tanto categórica – segundo a qual Platão, a partir da *República*, seria um renitente adversário e opositor da *mimesis*. Retomando passagens da *República* e do *Timeu-Critias*, o autor mostra que o modo como Platão figura a imaginação em palavras e a pintura em ambos os diálogos contribuem para uma dissolução do aparente paradoxo entre mimese e filosofia. Na sequência, com o artigo “As *tékhnai* na *República*”, Jean Farias oferece uma longa e rigorosa reconstituição do estatuto teórico da *tékhnē* na *República*, em suas relações, por um lado, com o *érgon* e, por outro, com a *epistéme*, permitindo pensar essa noção como algo necessário e benéfico para a *pólis*. Já André Rodrigues Bertacchi, no artigo: “*Paideia* e *physis*: os conceitos de “natureza” e “educação” nas obras platônicas”, percorre a *República* e o *Protágoras*, tendo por foco a compreensão das noções de *paideia* e *physis*, bem como da relação entre elas. Embora no *Protágoras* pareça haver uma certa contradição entre elas, o autor mostra como é possível pensar em uma conciliação dessas duas noções na *República*.

Na sequência, Juliano Paccos Caram e Leandro Lunkes oferecem uma incursão no tema do prazer e do desejo no *Filebo* e no *Banquete*. Em seu artigo, os autores evidenciam a indissociável relação entre corpo e alma como condição para pensar o desejo e o prazer nos dois diálogos analisados. No artigo “Da utilidade do riso e da comédia nas *Leis*, de Platão”, de Felipe Ramos Gall, somos confrontados com esse tema bem pouco frequente nas discussões platônicas – o cômico e o risível. O autor mostra que, em seu último diálogo, *As leis*, Platão revela um lado útil da comédia, o chamado “riso lúdico” que, por sua vez, se opõe a outras formas de explorar o cômico, inconvenientes para a vida pública.

Esse número se encerra com a resenha, realizada por Christiano Almeida, da nova tradução em língua portuguesa do diálogo *Minos*, traduzido por Bruno Amaro Lacerda, que veio a lume em 2021 e disponibiliza, em português, esse diálogo que, aliás, é bem pouco lido e conhecido.

Com a esperança de que as reflexões contidas nesse número temático sejam úteis, frutíferas e promovam novas inquietações em torno da obra desse filósofo imprescindível, desejamos a todos e todas, que elas também sirvam como um convite a continuar a pensar Platão.

REFERÊNCIAS

- DIXSAUT, M. *Platon. Le désir de comprendre*. Paris: Vrin, 2012.
- HÖSLE, V. *Interpretar Platão*. Tradução de Antônio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Loyola, 2008.

SCOLNICOV, S. Language and dialogue in Plato. In:
CLASSICA. Revista Brasileira de Estudos Clássicos, 19.2. São
Paulo: SBEC, 2006, pp. 180-186.

TRABATTONI, F. *Oralidade e escrita em Platão*. Tradução de
Fernando Rey Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo:
Discurso Editorial, 2003.

_____. *Platão*. São Paulo: Annablume Classica/Archai, 2010.